



ISSN 2763-6739



MESTRADO
EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA

CÁRCERE E FILOSOFIA:

de casos históricos a uma consideração atual

<http://doi.org/10.5212/RevTeiasConhecimento.v1i1.20210111>



Rui C. Mayer*

<https://orcid.org/0000-0001-8308-8180>



<http://lattes.cnpq.br/4122354145851423>



RESUMO: A história intelectual e a das ideias filosóficas carregam referências a diversos casos em que filósofos se depararam com a realidade do cárcere. Estas experiências são frequentemente tratadas mais como circunstâncias biográficas e menos como situações de aprendizado e reflexão, e de intervenção. Este trabalho intenta uma contribuição para a revisita e a revisão de algumas dessas referências, em diálogo com uma atualizada consideração dessa realidade. A aqui referida atualização desta consideração – o Projeto Boécio, uma iniciativa internacional que opera também no Brasil – promove uma compreensão e uma intervenção filosófica com encarcerados, algo que merece seu estudo e sua divulgação. Ora, o objetivo principal deste trabalho é, justamente, a promoção de um estudo e a contribuição para a divulgação dessa consideração da filosofia pelo tema e pela questão do encarceramento. Com este propósito, realizou-se uma breve revisita à história da filosofia – em obras reconhecidas por seu rigor e sua objetividade, como, p. ex., de B. Russell e de A. Kenny – e uma análise introdutória de referências ao próprio Projeto Boécio, às suas bases teóricas e suas experiências práticas. Este estudo percebeu e apontou a possibilidade de se reconhecer a importância histórico-filosófica do tema do encarceramento e a atualidade do Projeto Boécio, como uma iniciativa exemplar de aplicabilidade e aplicação da filosofia às situações de cárcere.

Palavras-chave: Encarceramento. Filosofia aplicada. Projeto Boécio.

* Mestre pela Universidade de Brasília (UnB) e pesquisador junto ao Grupo de Pesquisa em Filosofia Aplicada do Claretiano – Centro Universitário.

✉ rui.mayer@ufopa.edu.br

PRISON AND PHILOSOPHY **from historical cases to current consideration**

ABSTRACT: The intellectual history and that of philosophical ideas carry references to several cases in which philosophers came across the reality of prison. These experiences are often treated more as biographical circumstances and less as situations of learning and reflection, and of intervention. This work intends to contribute to the revisit and revision of some of these references, in dialogue with an updated consideration of this reality. The update mentioned here – Projeto Boécio, an international initiative that also operates in Brazil – promotes understanding and philosophical intervention with inmates, something that deserves to be studied and disseminated. Now, the main objective of this work is, precisely, to promote a study and contribute to the dissemination of this consideration of philosophy for the theme and issue of incarceration. For this purpose, a brief review of the history of philosophy was carried out – in works recognized for their rigor and objectivity, such as, p. eg, by B. Russell and A. Kenny – and an introductory analysis of references to the Boethius Project itself, its theoretical bases and practical experiences. This study perceived and pointed out the possibility of recognizing the historical-philosophical importance of the theme of incarceration and the actuality of the Boethius Project, as an exemplary initiative for the applicability and application of philosophy to prison situations.

Keywords: Incarceration. Applied philosophy. Boethius Project.

PRISIÓN Y FILOSOFÍA: **de los casos históricos a la consideración actual**

RESUMEN: La historia intelectual y la de las ideas filosóficas llevan referencias a varios casos en los que los filósofos se encontraron con la realidad de la prisión. Estas experiencias a menudo se tratan más como circunstancias biográficas y menos como situaciones de aprendizaje y reflexión, y de intervención. Este trabajo pretende contribuir a la revisión y revisión de algunas de estas referencias, en diálogo con una consideración actualizada de esta realidad. La actualización aquí mencionada -Projeto Boécio, una iniciativa internacional que también opera en Brasil- promueve el entendimiento y la intervención filosófica con los internos, algo que merece ser estudiado y difundido. Ahora bien, el principal objetivo de este trabajo es, precisamente, promover un estudio y contribuir a la difusión de esta consideración de la filosofía sobre el tema y el tema del encarcelamiento. Para ello se realizó una breve revisión de la historia de la filosofía, en obras reconocidas por su rigor y objetividad, como, p. por ejemplo, por B. Russell y A. Kenny - y un análisis introductorio de referencias al propio Proyecto Boethius, sus bases teóricas y experiencias prácticas. Este estudio percibió y señaló la posibilidad de reconocer la importancia histórico-filosófica del tema del encarcelamiento y la actualidad del Proyecto Boethius, como una iniciativa ejemplar para la aplicabilidad y aplicación de la filosofía a situaciones carcelarias.

Palabras clave: Encarcelamiento. Filosofía aplicada. Proyecto Boethius.

1. INTRODUÇÃO

A história intelectual e a história das ideias filosóficas carregam referências a diversos casos em que filósofos se depararam com a realidade do cárcere. Alguns exemplos são clássicos: a prisão e morte de Sócrates; a curta, porém brutal detenção e coerção de Platão; a prisão, tortura e morte de Severino Boécio. Estas experiências são frequentemente tratadas mais como circunstâncias biográficas e menos como situações de aprendizado e reflexão, e de intervenção.

Esse tratamento menor, contudo, poderia já ser contestado desde a lembrança de obras dos próprios Platão e Boécio; para exemplificar, bastaria evocar-se o *Crítion* e o *Fédon* ou *A consolação da filosofia*. Este trabalho intenta passar, de início, por uma pequena contribuição para a revisita e a revisão de algumas dessas referências, para direcioná-las e desenvolvê-las, então, em diálogo com uma atualizada consideração dessa realidade.

A atualização da aqui referida consideração – o Projeto Boécio, uma iniciativa internacional que opera também no Brasil – promove uma compreensão e uma intervenção filosófica com encarcerados, algo que por si merece seu estudo e sua divulgação, posto que interessa a uma pluralidade de campos do conhecimento, tais como da filosofia aplicada, do ensino de filosofia ou da educação prisional.

Ademais, em sua referenciação teórico-conceitual, essa iniciativa visa ao resgate e à atualização da filosofia aplicada, especialmente do pensamento de alguns filósofos clássicos e, mais especialmente ainda, do pensamento estoico – estendido à sua relação com o platonismo cristão de Boécio. Ora, o objetivo principal deste trabalho de agora é, justamente, a promoção de um estudo e a contribuição para a divulgação dessa consideração da filosofia pelo tema e pela questão do encarceramento.

Com esse propósito, realizou-se uma breve revisita à história da filosofia – em obras reconhecidas por seu rigor e sua objetividade, como, por exemplo, de Bertrand Russell e de Anthony Kenny – e uma análise introdutória de referências ao próprio Projeto Boécio, às suas bases teóricas e suas experiências práticas. A pretensão então explicitada é de que esse recurso à história das ideias filosóficas oferece ao tema em questão uma complementação imprescindível, que leva além de uma

importante, porém sobrestimada análise técnica e formal de conceitos e argumentos: as refletidas experiências pessoais dos filósofos clássicos teriam ainda aplicação aos problemas práticos da modernidade.

Este estudo percebeu e apontou, por fim, a possibilidade de se reconhecer a importância histórico-filosófica do tema do encarceramento e a atualidade do Projeto Boécio, como uma iniciativa exemplar de aplicabilidade e aplicação da filosofia às situações de cárcere.

2. A FILOSOFIA E O CÁRCERE

O exercício da reflexão e argumentação filosófica aplicada aos problemas da vida prática foi significativamente presente e até muito recorrente na Antiguidade, fosse dos legendários Sete Sábios ou de Sócrates aos cínicos e estoicos, ou então aos epicuristas. Este significativo exercício do filosofar, entretanto, veio perdendo vez e lugar, mais e mais, ao longo da história humana. Com a modernidade, uma cultura demasiadamente cientificista, formalista e academicista – quase exclusivamente preocupada em operacionalizar dados e resultados imediatamente mensuráveis – reduziu em muito a presença de uma filosofia prática ou aplicada.

Na modernidade, uma enorme soma de novos valores e, especialmente, uma quantidade incontável de novas combinações de valores manifestos produz uma (talvez equívoca) impressão de certa e crescente liberalidade do pensar e até do agir. Fato é, contudo, que os modelos da delimitação social de uma tolerância mútua sempre relativa mantêm-se submissíveis, agora como antes, à vigilância coletiva e ao julgamento coletivo, de sociedade em sociedade, também no tempo histórico e na ambiência geopolítica da modernidade. Destarte, os dados e resultados formais, numa modelação do conhecimento privilegiada pelos modernos e normalmente pressuposta como “neutra”, são interpretados e empregados para a ratificação da trama de valores então socialmente hegemônica.

A própria filosofia também vem sendo operacionalizada pelos modernos, passando a se ocupar (próxima de uma exclusividade) com a análise técnica da

linguagem ordinária, da linguagem formal ou da modelagem científica. Atualmente, no meio filosófico, sucede como que uma velada apartação de qualquer pensamento que venha a se voltar para os problemas da vida prática e para alguma aplicação da filosofia. Esta apartação se desdobra mesmo sobre uma dada recorrência à história da filosofia clássica: para muitos filósofos hodiernos, toda aplicação da filosofia à vida prática – quer apareça no socratismo ou entre os sofistas, no epicurismo ou no estoicismo – chega a ser posta em suspeição e deixada em suspenso.

Ocorre então que várias das experiências de vida dos filósofos clássicos, em geral, e diversas de suas observações ou vivências de situações limites, em particular, acabam por cair nesse campo de apartação – e entre estas situações limite, certamente, figuram amiúde suas experiências com a realidade do cárcere. Todavia não parece ser de todo intelectualmente coerente preterir a relevância da prisão e morte de Sócrates na obra platônica, principalmente nos diálogos *Crítion* e *Fédon* (KENNY, 1999a, p. 53 e 57-58), por um exemplo, ou do destaque temático da dignidade do sofrimento pessoal, na suportaçãõ do castigo e na resignaçãõ destemida tanto no pensamento estoico (KENNY, 1999a, p. 136; MARCONDES, 2004, 91-92; RUSSELL, 1969a, p. 307-308) como na obra de Severino Boécio, especialmente em seu livro de inspiraçãõ platônico-cristã *A consolação da filosofia* (RUSSELL, 1969c, p. 74-75), por outro exemplo.

Os casos em que filósofos clássicos conheceram ou mesmo experimentaram a realidade da condenaçãõ e do cárcere são significativos. A tradiçãõ reza, por exemplo: que o pré-socrático Anaxágoras fora condenado e coagido ao banimento de Atenas, acusado de impiedade; que Sócrates teria uma sorte pior e acabaria preso e condenado à morte por impiedade; que Platão teria desagradado ao tirano de Siracusa e sido preso por um período curto, porém brutal, tendo melhor sorte e escapando de uma sentença de morte; ou que o acadêmico Xenócrates, devido às suas dívidas com a pólis de Atenas, teria chegado a ser preso também por um curto período (LAËRTIOS, 1988a, p. 50/58, 1988b, p. 89-90, 1988c, 114). Os registros mais consistentes e relevantes dão conta, especialmente, das já mencionadas prisões de Sócrates e de Boécio; também dão conta, além disso, de famosos casos

assemelhados entre os pensadores estoicos, tais como o de Sêneca, perseguido e levado à morte (RUSSELL, 1969a, p. 302), ou o de Epicteto, que esteve mantido em escravidão a maior parte de sua vida (RUSSELL, 1969a, p. 303).

Conquanto se deva reconhecer a possibilidade histórica da experiência pessoal de Platão com o cárcere, e, seguramente, a importância da experiência da prisão e morte de Sócrates para a obra platônica, o pensamento amplo e elevado de Platão pouco se desdobrará sobre o assunto, ao menos em termos práticos. Esse desdobramento surgirá, porém, numa filosofia tanto antes influenciada por Sócrates como influente depois no pensamento de Boécio: o estoicismo. Conforme o que é regularmente estabelecido e reiterado em diversos textos de história da filosofia (KENNY, 1999b, p. 129-130; RUSSELL, 1969a, p. 280), o pensamento estoico surgiu no período histórico que tem sido chamado helenístico, ou seja, o período que se estende desde a morte de Alexandre, o Grande (323 a.C.) até o começo da dominação dos gregos pelo Império Romano (146 d.C.). Concebido pelo filósofo Zenão de Cítio (séc. IV a.C.), o estoicismo deve seu nome ao termo *Stoa* (pórtico), local de Atenas em que Zenão se encontrava com seus discípulos (KENNY, 1999b, p. 133; RUSSELL, 1969a, p. 293-294).

O estoicismo surgiu entre os gregos já com a vocação de bem compreender a filosofia tanto em seus aspectos teóricos como práticos, principalmente por sua grande valorização da ética. Para os estoicos, tanto a lógica como a física (esta, em sua acepção clássica de “filosofia da natureza”) teriam de servir não apenas para esclarecer os raciocínios e argumentos sobre os objetos do conhecimento, como também para o esclarecimento acerca das decisões e ações humanas (KENNY, 1999b, p. 135-136). Essa tantas vezes manifesta vocação da filosofia clássica para uma compreensão praxica e uma conseqüente valorização da ética foi largamente apropriada e desenvolvida pelos romanos. Para ilustrar a largueza dessa vocação, vale sempre lembrar que entre os três maiores estoicos romanos encontravam-se desde o escravizado Epicteto até o Imperador Marco Aurélio, passando-se por Sêneca, que foi um político e um comerciante.

Sêneca (ca. 4 a.C. – 65 d.C.) tem sido considerado como a principal referência teórico-conceitual estoica sobre o pensamento de Boécio (RUSSELL, 1969c, p. 74); esta sua influência, todavia, se faz presente também quando se considera a escolha dos recursos retóricos e de estilo. Na sua obra, Sêneca se ocupou principalmente com o desenvolvimento do pensamento estoico em seus aspectos éticos, porém sempre se preocupando em fazê-lo particularmente por variados gêneros literários, tais como os diálogos, as tragédias ou as consolações. Em três de seus mais importantes textos, intitulados *Ad Marciam*, *Ad Helviam* e *Ad Polybium*, Sêneca se apresentará na tradição literária das consolações:

O gênero literário Consolação foi cultivado por todas as grandes escolas filosóficas, às quais encontramos filiados ilustres nomes [...]. Ao se preocuparem com o homem, não negligenciaram suas paixões, angústias e desordens da alma, propondo-se encontrar argumentos capazes de atenuá-las. (RAIJ, 1999, p. 14.)

Assim, visando ao esclarecimento acerca das decisões e ações humanas, o pensamento estoico, em geral, e o de Sêneca, em particular, compartilham com o de Boécio o destaque e a valorização da dignidade do sofrimento pessoal, na suportação do castigo e na resignação destemida. Além disso, o estoicismo e Boécio, este particularmente em *A consolação da filosofia*, compartilham a mesma preocupação com a apresentação atrativa de seus textos, porquanto capazes de proporcionar, para os seus leitores, uma experiência pessoal marcante, tanto cognitivamente como esteticamente.

Importa que se saliente ainda a projeção histórica da figura de Boécio (ca. 480 – 524/525), e especialmente a do seu livro *A consolação da filosofia* (ca. 524), em que, apesar do contexto sociocultural de sua escrita (ao recente iniciar da Alta Idade Média) e das circunstâncias extremas então vivenciadas por seu autor:

Não há vestígio da superstição ou da morbidez da época, nenhuma obsessão quanto ao pecado, nenhuma ânsia excessiva em busca do inatingível. Há uma perfeita calma filosófica [...]. Escrito como foi, na prisão, sob sentença de morte, é tão admirável como os últimos momentos do Sócrates platônico. (RUSSELL, 1969c, p. 75.)

Somente isto já justificaria a singela homenagem feita ao nomear-se o Projeto Boécio. Acerca, enfim, do referencial teórico-conceitual referido pelo Projeto Boécio – o qual, no que lhe concerne, oportuniza e sustenta um resgate da filosofia clássica prática ou aplicada, e principalmente do pensamento estoico –, haveria que se observar que este resgate se dá sempre em favor da atualização do filosofar:

O estoicismo e outras filosofias são possibilidades para viver com calma neste mundo líquido (termo de Bauman) ou nesta sociedade do risco (termo de Ulrich Beck) ou para aceitar que a inquietude é parte da existência (dizia Ortega y Gasset que a vida é essencialmente problemática, isto é, não podemos viver sem problemas). Nos últimos anos, tenho escrito sobre como desenvolver oficinas práticas baseadas nestes e outros filósofos e teorias. (RASTROJO, 2021, p. 159.)

Resta, por conseguinte, proceder-se a uma apresentação acerca do Projeto Boécio, sobre seus fundamentos gerais e também sobre algumas de suas experiências.

3. O PROJETO BOÉCIO

Surgido na Universidade de Sevilha como uma proposta de pesquisa-ação, por iniciativa do professor José Barrientos Rastrojo, o *Estudo da eficácia da Filosofia Aplicada na Prisão para o desenvolvimento das virtudes dianoéticas e éticas* (título oficial do Projeto Boécio) tem tratado de investigar a funcionalidade da realização de práticas experienciais em comunidades carcerárias, por meio da implementação de oficinas filosóficas. Para isto, tem mantido equipes operando em prisões tanto da Espanha como de outros países, tais como o México e o Brasil. “No Brasil, o professor Edson Renato Nardi, diretor da Pós-graduação em aconselhamento filosófico do Centro Universitário Claretiano, coordena as oficinas na prisão de Serra Azul” (RASTROJO, RODRÍGUES, 2020, em linha, tradução livre).

José Barrientos Rastrojo é professor titular na Universidade de Sevilha, atuando no Departamento de Metafísica e Correntes Atuais da Filosofia, Ética e Filosofia Política, onde também dirige o grupo de investigação *Experiencialidad*. Foi

também um dos fundadores e tem participado da direção da Rede Ibero-americana de Investigação em Filosofia Aplicada. Dentre outros títulos, José Barrientos Rastrojo é autor do livro *Tentativas experienciales para uma Filosofía Aplicada* (Peter Lang, 2020 – ainda sem tradução para o português), além de ser diretor da *Haser* – Revista Internacional de Filosofia Aplicada.

A metodologia do Projeto Boécio desenvolve uma significativa contribuição para o estudo e a pesquisa em humanidades: por um lado, promove o referido bem-vindo resgate da filosofia clássica prática ou aplicada, capaz de ampliar e aprofundar a compreensão dos problemas práticos da modernidade; por outro lado, não se esquivava, senão abarca a reivindicação da possibilidade e do sentido da experimentação, do controle e da verificação de dados e resultados na aplicação da filosofia à vida prática (nesta iniciativa, especificamente, em comunidades carcerárias), em se permitindo, como também assim à filosofia aplicada, um diálogo interdisciplinar que envolve tanto a história intelectual e a das ideias filosóficas como os fundamentos da educação e as ciências sociais.

Para o Projeto Boécio, esse trabalho social com as chamadas virtudes dianoéticas (relativas à racionalidade nas decisões e ações) e as virtudes éticas (relativas à moralidade das decisões e ações) são passíveis, justamente, da tal mensurabilidade tão cara à modernidade:

Seu objetivo é avaliar empiricamente o rendimento de oficinas de filosofia com detentos [...]. Fazemos um treinamento filosófico para as pessoas melhorarem suas habilidades de pensamento crítico e as capacidades baseadas nos princípios da filosofia estoica. Assim, os detentos conseguem ver mais profundamente, mais criticamente, tem mais força interior, etc. Os primeiros resultados têm indicado que os detentos têm uma melhor abertura da mente, capacidades cognitivas e inclusive muitos deixaram as drogas e diminuíram os desejos de suicídio. (RASTROJO, 2021, p. 164-165.)

Essa condição de mensurabilidade, por sua feita, serve à intermediação e ao desenvolvimento do diálogo tanto entre a filosofia e as ciências sociais e da educação como entre a filosofia e os problemas da vida prática na modernidade. Destarte, as possibilidades dos resultados vislumbrados desde aí são bastante encorajadoras.

Um primeiro contato e o entendimento desse trabalho com oficinas filosóficas é frequentemente facilitado por uma analogia com o treinamento dos corredores de resistência por excelência, os maratonistas – os quais, é bom lembrar, podem ser profissionais como podem ser amadores. Este foi o procedimento adotado, por exemplo, pelo estudante de pedagogia Flávio dos Santos Alves, então também um apenado, reeducando e participante do Projeto Boécio na penitenciária de Serra Azul (no estado de São Paulo), em um relato de experiência que produziu com a supervisão do professor Edson Renato Nardi:

[...] enquanto a maratona tradicional busca o treinamento físico dos corpos, essa maratona filosófica buscava fazer com que treinássemos a nossa mente e, assim como todo esporte, em que se cobra bastante esforço e dedicação para atingirmos os resultados esperados, tudo deveria ser feito com bastante disciplina e práticas sistemáticas, aplicadas através de sessões semanais de oficinas de sabedoria estoica e a prática semanal de exercícios sapienciais estoicos. (ALVES, NARDI, 2021, p. 49.)

Pode-se perceber, pois, que o Projeto Boécio tem uma disposição não de (re)confortar o apenado, e sim de convidá-lo e encorajá-lo a preparar-se para, conscientemente, enfrentar o acúmulo de aprendizado prejudicial ou nocivo pelo qual tenha passado em sua vida, fora e dentro do cárcere. Essa possibilidade se realiza, sim, com o apoio da e na filosofia; porém isto se realiza se, e somente se advier da própria assunção de responsabilidade do apenado, por e para si mesmos.

O recurso das oficinas permite e garante, portanto, uma relação viva entre a teoria e a vida prática. Para aqueles em situação de encarceramento, cuja vida está mais limitada que o “normal”, entrar em contato com casos concretos similares aos seus e com o que experimentados pensadores puderam elaborar sobre sua própria situação permite-lhes alcançar uma capacitação significativa de seu próprio pensamento sobre as limitações da vida:

Por exemplo, duas sessões do projeto enfocam a *diakrisis*, vale dizer, aprender a distinguir (1) o que depende de mim e posso mudar e (2) o que não depende de mim e devo aprender a aceitar. Esta oficina tem levantado questões como a esperança e o perdão, todavia o que se busca não são as respostas ou sistemas gerados, porém sim melhorar as capacidades dos participantes ao estimular a sua autonomia para dar respostas, para que estas os levem à ação ou para que aceitem suas descobertas, de acordo com o caso. (RASTROJO, RODRÍGUES, 2020, em linha, tradução livre.)

As circunstâncias concretas da vida em encarceramento, por conseguinte, são invocadas nessas oficinas do Projeto Boécio de tal modo a contribuir para que os encarcerados se permitam alçar, de uma percepção imediatista e mediada por suas limitações, a uma perspectiva compreensiva dessas limitações:

[...] nas oficinas são feitos outros exercícios, como a dessensibilização óptica ou visão cósmica. Trata-se de saber distanciar-se de um problema para alcançar um autogoverno melhor. Ao ser capaz de pensar-se ou ver-se a si mesmo desde fora das situações de conflito, muda-se imediatamente a percepção do problema e também as reações e seus efeitos. Por exemplo: há uma briga no pátio, empurram-me e eu respondo com um soco; entretanto se eu visse a confusão desde outro grupo ou desde uma janela, eu reagiria da mesma forma? Seguramente, eu não entraria [na briga] ou não desceria para bater em ninguém. (RASTROJO, RODRÍGUES, 2020, em linha, tradução livre.)

Uma expectativa do Projeto Boécio é de que esses exercícios cognitivos, reflexivos e existenciais possam não apenas servir de apoio racional e moral aos encarcerados, como servir também para prepará-los para o enfrentamento de outras, novas e futuras limitações da vida:

Outro dos exercícios é a *premeditatio malorum*, um exercício estoico que trata da antecipação do que venha a ocorrer e de pensá-lo sobretudo em termos negativos: imaginar que somos cegos ou que não podemos ver as cores tem repercussões sobre a consciência e o valor que damos ao que temos ao mesmo tempo que nos prepara para o caso de ocorrer alguma dessas desgraças. (RASTROJO, RODRÍGUES, 2020, em linha, tradução livre.)

Aquilo que antes estava distante (e “por cima”) da realidade do cárcere, a filosofia, faria desde então parte da vida dos encarcerados, como um recurso factual de apoio intelectual que incidisse em seu processo de reeducação e de ressocialização – algo, portanto, de alternativo e/ou complementar para uma alienada admoestação moralizante ou legalista e para uma “neutra” profissionalização, a qual treinasse o profissional sem lembrar de preparar o cidadão.

Encontra-se aqui, pois, um pressuposto bem ponderado, ou seja, o de que a filosofia estará posta em uma prolífica tensão ao deparar-se com determinadas situações limite, tais como a da vida no cárcere:

A dilacerante situação incentiva a criação de uma metafísica corporal e material que amplia as visões idealistas desconectadas da realidade. [...] Não defenderei que a preocupação filosófica do gabinete seja inútil; no entanto,

considero que uma vida filosófica sem ocupação aplicada não vale a pena ser vivida. Ora, como tenho defendido em muitas oficinas, não estou aqui a pregar sobre a importância de ser bom e de não matar, porém sim para animar a que, se o façam, tenham razões profundas e um amplo raciocínio desde onde contemplar todas as possibilidades; só assim suas vidas e suas mortes lhes pertencerão autenticamente. (RASTROJO, 2020, em linha, tradução livre.)

Há então que se perceber, por conseguinte, uma intenção pela afirmação da autonomia dos encarcerados; sua responsabilização pelas decisões e ações de outrora, e o sentido de uma ressocialização, se implicam com a presente e futura responsabilidade por e para si.

O Projeto Boécio, todavia, tem obtido resultados desejados, esperados ou inesperados, naquilo a que se propõe? Estando ainda em andamento, os resultados mensuráveis do Projeto Boécio não se encontram largamente disponibilizados em publicações acadêmicas – e isto está certamente vindo a ser objeto de estudo em textos outros, especialmente da parte dos pesquisadores diretamente envolvidos, algo que não seria possível numa análise meramente introdutória como esta. Podemos entrever, no entanto, alguns resultados nos relatos que já vêm sendo publicados:

Desde uma perspectiva qualitativa, descobrimos a diminuição das ideias suicidas em muitas reclusas, um maior controle de suas próprias paixões ou a capacidade de assumir o controle de sua própria existência. Neste último sentido, havia prisioneiros que por anos não se comunicaram com sua família, e que depois das sessões decidiram telefonar-lhe e retomar contatos por iniciativa própria. Em uma prisão onde os funcionários receberam as oficinas com ceticismo, pediram-nos para que as realizássemos com eles. Várias mulheres de uma das prisões se inscreveram no curso de Filosofia. Outros internos que completavam a pena e pensavam em voltar a delinquir, posto que só tinham vida entre as grades, agradeceram-nos pelas oficinas porque haviam aprendido a conceber novos horizontes de sentido fora da prisão. Por fim, alguns casos criaram-nos graves conflitos e riscos – por exemplo, quando houve quem chegasse a abandonar o consumo de drogas e aqueles que lhes forneciam decidiram passar à ação contra nós. (RASTROJO, RODRIGUES, 2020, em linha, tradução livre.)

No e do Brasil, por fim, para se buscar por esta visão inicial e geral, há já como se reportar à edição do primeiro número de 2021 da publicação acadêmica do Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre o Ensino de Filosofia e Educação Filosófica da Universidade Federal do Paraná – o periódico *Revista do NESEF* –, em sua edição especial então nomeada *Filosofia Aplicada*.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O encarceramento, em geral, é um tema de improvável abordagem pela filosofia. Em primeiro lugar, porque os seus interessados diretos são mantidos apartados e até silenciados, em nome da ordenação social vigente, e não permitem uma reverberação atrativa do tema; e se a amada *Sofia* não sofre de vaidade, os seus amantes sim, sofrem(os), e buscam(os) tratar de assuntos mais lembrados e bem recebidos nos meios acadêmico e filosófico. Em segundo lugar, porque a filosofia vem se apartando a si mesma dos assuntos da vida prática. O Projeto Boécio, contudo, tem trazido um renovado exemplo de que a abordagem desse tema possa ser e seja muito produtiva, tanto para a atualização do conhecimento filosófico como para um desenvolvimento de aplicabilidade e aplicação da filosofia.

Ademais, uma iniciativa como a do Projeto Boécio faz com que lembremos da existência dos tais interessados diretos, os encarcerados... e, com isto, de que há toda uma mesma sociedade que nos cerca, conduz ou contém – seja aos encarcerados, seja aos amantes da filosofia. Ao ser levada mais uma vez para o cárcere, a filosofia parece criar certas possibilidades de diálogo que podem não apenas engrandecer o seu arcabouço de conhecimento, como também abrir ou alargar caminhos para a reeducação e a ressocialização dos encarcerados, em favorecimento deles mesmos e da sociedade toda.

O Projeto Boécio vem conseguindo conquistar atenções e simpatias, e estabelecer relações de confiança nas comunidades carcerárias às quais se apresenta. Isto tem acontecido, entretanto, sem as fáceis promessas de um presente ou um futuro seguro, e sim com o reconhecimento de que na vida, dentro como fora do cárcere, qualquer segurança possível será relativa às decisões e ações assumidas: “Ensinar a viver sem essa segurança e sem que se fique, não obstante, paralisado pela hesitação, é talvez a coisa principal que a filosofia, em nossa época, pode proporcionar àqueles que a estudam” (RUSSELL, 1969b, p. XI).

5. REFERÊNCIAS

ALVES, Flávio S.; NARDI, Edson R. Aconselhamento filosófico no cárcere: a educação estoica como chave para a liberdade. **Revista do NESEF – Filosofia Aplicada**, Curitiba, v. 10, n. 1, edição especial de 2021, p. 46-57. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/neseef/article/view/80618/43478>.

RASTROJO, José B. Filosofia aplicada: entrevista com José Barrientos Rastrojo – Universidade de Sevilha. **Revista do NESEF – Filosofia Aplicada**, Curitiba, v. 10, n. 1, edição especial de 2021, p. 158-165. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/neseef/article/view/80648/43532>.

RASTROJO, José B. Un filósofo en la cárcel. **Filosofía&Co**, Herder Editorial, 31 de janeiro de 2020, em linha. Disponível em: <https://www.filco.es/un-filosofo-en-la-carcel/>. Acesso em: 11 de junho de 2021.

RASTROJO, José B; RODRÍGUES, Pilar. El pensamiento siempre es libre... incluso en prisión. **Filosofía&Co**, Herder Editorial, 7 de outubro de 2020, em linha. Disponível em: <https://www.filco.es/pensamiento-libre-incluso-en-prision/>. Acesso em: 12 de junho de 2021.

KENNY, Anthony. A Atenas de Sócrates. In: **História concisa da filosofia ocidental**. Trad. de Desidério Murcho *et al.* Lisboa: Temas e Debates, 1999a (p. 45-64).

KENNY, Anthony. A filosofia grega depois de Aristóteles. In: **História concisa da filosofia ocidental**. Trad. de Desidério Murcho *et al.* Lisboa: Temas e Debates, 1999b (p. 129-149).

LAËRTIOS, Diôgenes. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres** – Livro II – Primeiros filósofos propriamente ditos e seus sucessores. Trad. de Mário G. Kury. Brasília: Ed. UnB, 1988a (p. 47-84).

LAËRTIOS, Diôgenes. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres** – Livro III – Platão. Trad. de Mário G. Kury. Brasília: Ed. UnB, 1988b (p. 85-110).

LAËRTIOS, Diôgenes. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres** – Livro IV – Discípulos de Platão. Trad. de Mário G. Kury. Brasília: Ed. UnB, 1988c (p. 111-128).

MARCONDES, Danilo. O helenismo e suas principais correntes: estoicismo, epicurismo, ceticismo. In: **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos à Wittgenstein**. 8 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004 (p. 84-100).

RUSSELL, Bertrand. A filosofia antiga posterior a Aristóteles. In: **História da filosofia ocidental** – Livro primeiro – A filosofia antiga. 3 ed. Trad. de Brenno Silveira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969a (p. 253-344).

RUSSELL, Bertrand. Introdução. In: **História da filosofia ocidental** – Livro primeiro – A filosofia antiga. 3 ed. Trad. de Brenno Silveira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969b (p. IX-XIII).

RUSSELL, Bertrand. Os Padres da Igreja. In: **História da filosofia ocidental** – Livro segundo – A filosofia católica. 3 ed. Trad. de Brenno Silveira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969c (p. 3-92).

VAN RAIJ, Cleonice F. M. A filosofia da dor nas *Consolações* de Sêneca. **Letras Clássicas**, Campinas (SP), v. 3, n. 3, 1999, p. 11-21. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/letrasclassicas/article/view/73753/77419>.